



*"Hilário Madiquida" - Docente no DAA/FLCS e Chefe da secção de Arqueologia*

## **O arqueólogo pode contribuir em várias áreas como cientista social**

*Pág. 13 a 18*



## **Género, Sexualidade e Práticas Vaginais**

*Este foi o título escolhido para o livro da autoria de Brigitte Bagnol e Esmeralda Mariano, resultado do estudo sobre "Género, Sexualidade e Práticas Vaginais", realizado em Moçambique sobre a coordenação do Programa DESAFIO na FLCS-DAA*

*Pág. 4*

## Ficha Técnica



### Gazeta

Propriedade do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Gazeta n° 4 - Setembro de 2011  
Campus Universitário Principal  
Av. Julius Nyerere, n° 3453  
Caixa Postal 257  
Tel. +258 21410138  
Website: <http://www.flcs.uem.mz>

### Apoio

Programa Desafio/VLIR-Grupo "Género Saúde e Assuntos de Família-DAA/FLCS

### Directora

Margarida Paulo  
([margarida.paulo@uem.mz](mailto:margarida.paulo@uem.mz))

### Conselho de Redação

Décio Muianga  
Elísio Jossias  
Esmeralda Mariano  
José Pimentel Teixeira

### Colaboradores

Carlos Matusse  
Lizete Manguenze

### Revisão

Percida Langa e José Pimentel Teixeira

### Composição

Nelton Gemo

### Impressão

Gráfica A1

### Distribuição

DAA/FLCS

### N° de registo

DISP.REG/GABINFO-DEC/2009

## Editorial

Esta é a 4ª edição da Gazeta do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) no seu 3º ano de existência. Nela está patente a síntese das principais actividades desenvolvidas pelos docentes, investigadores e estudantes do DAA durante os últimos 6 meses. Um dos desafios para este ano foi a introdução do primeiro curso de Licenciatura em Arqueologia, o primeiro no país, e os primeiros 35 estudantes iniciaram as suas actividades lectivas em Fevereiro do presente ano. Com o curso de Arqueologia preencheu-se uma lacuna há muito reclamada por pesquisadores nacionais e estrangeiros ligados ao DAA. Dizer que a pesquisa arqueológica não constitui novidade em Moçambique e o DAA está na vanguarda deste processo tendo sido desenvolvidas interessantes pesquisas arqueológicas desde os primeiros anos da independência a esta parte.

Na sequência do curso de Arqueologia, e no seguimento do registo dos momentos mais marcantes dos investigadores do DAA, a presente edição está igualmente centrada na entrevista com Hilário Madiquida, um dos mais destacados responsáveis pela introdução da Licenciatura em Arqueologia. Madiquida apresenta-nos um percurso que inicia em 1987 quando por ordens do Estado é enviado para ex-URSS onde frequentou um curso superior. Pela entrevista ficamos a saber que a Arqueologia o escolheu, fruto, em parte, do acaso onde destaca-se interesses político-ideológicos que uniam os dois países, Moçambique e ex-URSS, e as condições objectivas encontradas na Universidade para onde foi "destacado". Nesta entrevista encontramos a revelação dos desafios de manter uma área científica que, tal como tantas outras, vive da pesquisa num país onde não há fundos para este efeito. Será possível ver ainda nesta edição aspectos relevantes da pesquisa arqueológica e antropológica em Moçambique feita por docentes e investigadores deste departamento e de outras partes do mundo. As sínteses dos livros, artigos e comunicações são disso o exemplo.

Os Seminários do DAA, depois de uma paragem de 1 ano, derivada pela necessidade de reorganização e adequação dos espaços para sua realização, este ano foi marcado por interessantes participações de investigadores do DAA, da UEM e de fora da UEM, que vieram partilhar o estado das suas pesquisas. Destaque das participações estrangeiras foi a presença de Rui Feijó e Susana Matos Viegas, historiador e antropóloga respectivamente, que inauguraram a edição 2011 dos seminários. Outras apresentações poderão ser vistas nos resumos constantes desta edição.

Como forma de adequar à reforma curricular, os seminários são de presença obrigatória para os estudantes de licenciatura em Antropologia e Arqueologia. Os seminários tornaram-se hoje uma referência obrigatória na UEM e no debate académico nacional e estão no centro das atenções das actividades desenvolvidas na FLCS. O facto de existirem desde o ano 2005 e continuarem a ser regulares até à data é disso um exemplo a ser encorajado.

Elísio Jossias

## Abertura oficial do Ano Académico 2011 dos Cursos de Arqueologia e Antropologia

A Cerimónia de Abertura do Ano Académico de 2011, dos cursos de Arqueologia, iniciado no presente ano, e de Antropologia, decorreu no espaço da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, no pretérito dia 02 de Março. Foi um acto bastante concorrido pelos estudantes, que ávidos de mais informação sobre estes cursos, expuseram suas expectativas e preocupações ao corpo docente e ao convidado, Dr. Luís Filipe Pereira, docente do Curso de História nesta instituição.

As palavras de boas vindas, proferidas pelo Chefe do Departamento, Dr. Alexandre Mate, antecederam as apresentações gerais sobre estes dois cursos, feitas por Décio Muianga e Elísio Jossias, respectivamente.

Intervindo na qualidade de Orador Principal, Dr. Luís Filipe Pereira traçou um quadro evolutivo sobre a criação do Departamento de Arqueologia e Antropologia e como a dinâmica social, temporal e académica, contribuiu para o surgimento, desenvolvimento

e importância crescente do curso de Antropologia, da Secção de Arqueologia e agora, do tão almejado curso de Arqueologia.

Referiu-se ainda a exemplos de sua vivência, entanto que Ser Humano e Docente, que ajudam a reflectir sobre a importância da interdisciplinaridade, não só entre a Arqueologia e Antropologia, mas também com outras ciências. Para ele, esta comunhão de saberes entre as ciências, é muitas vezes relegada para segundo plano porque imbuídos pelo Senso Comum, podemos questionar, a priori, a relação entre a Arqueologia e a Biologia, entre a Antropologia e Geografia, por exemplo. A recente História de África publicada pela UNESCO e coordenada por Ki-Zerbo mostra como foi desaparecendo a separação artificial entre as ciências da natureza e as ciências sociais. Contudo como Braudel o criador do conceito de longa duração demonstra na sua obra "História e Ciências Sociais" não é fácil fazer a interdisciplinaridade.

Para o Orador, a combinação de técnicas e saberes entre as ciências ajuda a buscar e construir um conhecimento mais completo, mas não o último sobre uma ideia, um objecto de estudo. Por isso, defende ele que é preciso que se leia mais, que se estude mais, que haja mais hábitos de leitura, que se elabore fichas de estudo e pesquisa, pois há ainda muita coisa para se saber, para se conhecer, para se estudar. Este conselho que o Orador deixou aos estudantes, seria, segundo ele, a receita para se combater o que chamou de *analfabetismo funcional*, que define como sendo a tendência de não se dar tempo para ler, tentação em que caem muitos estudantes. É preciso digerir a leitura. Aprender a fazer e a pensar.

Em suma, a Oração de Sapiência do Dr. Luís Filipe Pereira, assentou mais no que se espera dos estudantes entanto que cientistas sociais e profissionais e no que pode ser seu contributo para a história da pesquisa arqueológica e ciências sociais que tanto precisa.

## Nota informativa sobre o curso de Arqueologia

Iniciado no ano de 2011, o Curso de Arqueologia vem preencher uma grande lacuna no que concerne à formação em Arqueologia. A crescente importância que a Arqueologia vem assumindo na reinterpretação da nossa História, dada a exiguidade de fontes escritas, e a necessidade de preservarmos os testemunhos desta mesma História, através de acções de gestão do património cultural viradas para um desenvolvimento sustentável, impulsionaram a criação de um curso desta natureza em Moçambique. Este novo passo vem tirar o país do isolamento que vivia por não ter quadros

formados nesta área, ao contrário de outros países, inclusive da região.

A formação em Arqueologia vai permitir que se possa dar mais atenção a estudos nesta área, vai fazer com que tais pesquisas possam assumir um carácter mais diversificado em termos de local de estudo, de temas de interesse e assim cobrir-se um maior número de pesquisas, de modo que a História de Moçambique e sobre Moçambique possa assumir um carácter mais abrangente, sobretudo em termos de cobertura territorial.

Ao estudante de Arqueologia serão dadas ferramentas teóricas e técnicas para que possa dominar os conceitos-chave em Arqueologia, identificar, classificar, analisar e interpretar o material e evidências arqueológicas que possam contribuir para a reconstituição da História remota e mais recente, de modo que se possa perspectivar o futuro. O domínio das técnicas de prospecção e escavação arqueológica, a análise e tratamento adequado dos artefactos recolhidos e a concepção de exposições temáticas sobre Arqueologia, são alguns dos principais aspectos que o estudante

de Arqueologia deve saber e dominar ao culminar os seus estudos.

Em termos de saídas profissionais, os estudantes de Arqueologia podem ser integrados em várias áreas de saber, com destaque para as de especialidade. O licenciado em Arqueologia estará em condições de trabalhar, por exemplo, em projectos de pesquisa arqueológica para a identificação de estações, na própria escavação e produção de material bibliográfico daí decorrente. Pode, igualmente, trabalhar em Projectos de protecção e gestão do património cultural. Portanto, existe uma abertura para que este licenciado possa ser enquadrado em instituições de pesquisa diversa, nas áreas de Ciências Sociais, Geologia, Recursos Minerais, de impacto histórico, arqueológico e cultural, em museus, em instituições ligadas ao desenvolvimento turístico e à preservação do património arqueológico, histórico e cultural, em instituições de ensino e até em obras de construção civil, em jeito de salvaguarda de estações e objectos arqueológicos.

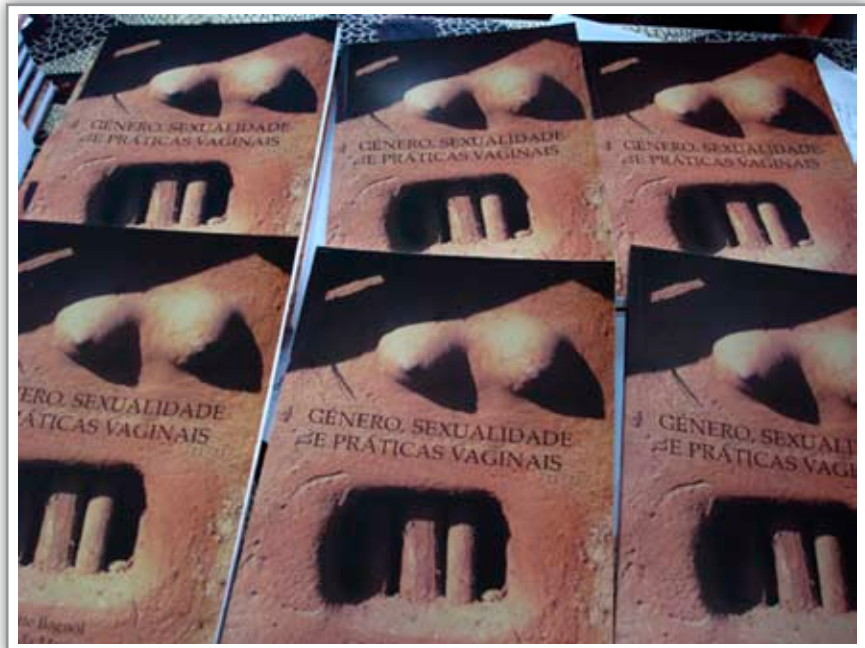
Assim, e com base nos aspectos acima arrolados, espera-se que o arqueólogo saído deste curso seja um profissional que pautar pela ética e deontologia profissional, que possa fazer um uso científico, académico e honesto do conhecimento adquirido, de modo a contribuir para o crescimento do interesse pela Arqueologia e de tudo o que a ela diz respeito, não só no meio académico mas também no público, em geral. Almeja-se, assim, que este arqueólogo e o fruto da sua pesquisa, sejam factores de desenvolvimento social, político, económico e cultural, sobretudo para as comunidades locais.

## Género, Sexualidade e Práticas Vaginais

**Autoras:** Brigitte Bagnol e Esmeralda Mariano - DAA/FLCS/UEM

O Estudo sobre "Género, Sexualidade e Práticas Vaginais" foi realizado no Sudeste Asiático (Tailândia e Indonésia) e na África Austral (Moçambique e África do Sul) sob a coordenação do Departamento de Pesquisa em Saúde Reprodutiva, Género e Direitos da OMS-Genebra. Em Moçambique, o

A pesquisa etnográfica foi realizada em quatro locais da província de Tete: duas zonas rurais e duas zonas urbanas na cidade de Tete e no distrito de Changara. A recolha de dados foi feita com base em entrevistas semi-estruturadas, seguindo um roteiro com os principais tópicos adaptados a partir



estudo foi realizado em colaboração com o Ministério da Saúde (MISAU), O Centro Regional para o Desenvolvimento da Saúde (CRDS), a Direcção Provincial de Saúde de Tete, a OMS-Moçambique, o International Centre for Reproductive Health (ICRH) e a Universidade de Ghent (Bélgica). O estudo compreendeu duas fases. A primeira decorreu em 2005 e consistiu no trabalho etnográfico cujos resultados são apresentados no livro. Com base nestes resultados, em 2007, foi realizada a segunda fase (quantitativa) com a aplicação de um questionário a uma amostra de mulheres representativas da província de Tete.

das informações contidas no protocolo da OMS. O estudo foi elaborado, principalmente, do ponto de vista feminino. Um total de 103 pessoas participou no estudo, sendo 25 homens e 78 mulheres. O estudo permitiu constatar que as mulheres utilizam diferentes produtos naturais e sintéticos, tradicionais e modernos, por inserção na vagina ou por ingestão, para a sua higiene, para tratar doenças, para modificar a maneira de sentir o seu corpo e de se prepararem para o acto sexual. O estudo recomenda que o assunto seja tomado em consideração nas políticas de saúde pública e estratégias de prevenção.

## 'Xiculungo' Revisitado: Avaliando as implicações do PARPA II em Maputo 2007-2010

**Autores:** Margarida Paulo, Carmelisa Rosário e Inge Tvedten

**Fonte:** CMI CHR. MICHELSENS INSTITUTE REPORT R 2011:1



O estudo representa uma continuação dos esforços para a monitoria e avaliação da Estratégia de Redução da Pobreza, PARPA II 2005-2011 (GdM 2005). O estudo iniciou em 2006 e baseou-se em três áreas geográficas diferentes no país: o Distrito de Murrupula na Província de Nampula, representando uma região rural; o Distrito de Búzi na província de Sofala, localizado num espaço rural-urbano, e quatro bairros da cidade de Maputo. Cada um destes estudos foi seguido após três anos de modo a verificar mudanças nas relações sociais e nas percepções da pobreza e

bem-estar. Este estudo deve ser lido em conjunto com o primeiro estudo de Maputo denominado 'Xiculungo' porque a informação contextual não será repetida neste estudo. Neste estudo o foco está nas mudanças urbanas em Moçambique, governação e pobreza desde 2007, nas mudanças em Maputo urbano e nas condições sócio-económicas em quatro bairros: Mafalala, Laulane, Inhagóia e Khongolote. O estudo pode ser consultado no endereço: <http://www.cmi.no/publications/file/4001-xiculungo-revisitado-avaliando-as-implicaes-do.pdf>



Na África do Sul e, especialmente em Johannesburg, os paradigmas raciais do apartheid estão se transformando. Quinze anos depois do fim do apartheid e da eliminação de todas as formas de desigualdade baseada na

## Transforming Youth Identities: Interactions Across "Races/Colors/Ethnicities," Gender, Class and Sexualities in Johannesburg, South Africa

**Autores:** Brigitte Bagnol, Zethu Matebeni, Anne Simon, Thomas Blaser, Sandra Manuel e Laura Moutinho

**Fonte:** Sexuality Research and Social Policy 7: 283-297

"raça", incluindo a abolição do Acto de Imoralidade de 1949 que proibia casamentos mistos, os discursos de jovens desafiam os limites pré-estabelecidos. Hoje, a contribuição sul africana dá direito às pessoas de proclamarem a sua orientação sexual e demarcarem as suas próprias identidades. Através de observação etnográfica feitas em Johannesburg e entrevistas profundas com jovens, o artigo explora noções transformadas de identidade baseada

na "raça/cor/etnicidade" gênero, classe e sexualidade, as dinâmicas e desafios enfrentados pelos jovens em relação a interações mistas no Johannesburg pós-apartheid e como eles afectam a vida dos jovens, particularmente as suas percepções de risco, violência e vulnerabilidade ao HIV/SIDA. O artigo pode ser consultado no endereço: [www.springerlink.com](http://www.springerlink.com)

## A antiguidade do ferro em Moçambique: subsídios para debate

**Autora:** Solange Macamo

A propósito de um estudo de impacto ambiental levado a cabo pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique, em 1997, na cidade da Matola, província de Maputo, perto do lugar onde se pretendia instalar uma fábrica de ferro, com vista à identificação de possíveis estações arqueológicas que poderiam ser afectadas por aquele empreendimento, constatou-se que:

*“Em Moçambique, já há cerca de dois mil anos que as primeiras comunidades de agricultores produzem ferro através do processo de redução levado a cabo em pequenas fornalhas, aproveitando as concreções ferruginosas provenientes das antigas dunas marítimas oxidadas que constituem um dos elementos da paisagem geológica da região costeira” (Duarte et al. 1977:1).*

Em Moçambique existem muitos desses lugares com evidências de mineração de ferro que ocorrem em solos avermelhados frequentes em relevos planos próximos da costa do Índico. Os solos avermelhados são ricos em ferro, sendo propícios para a localização das

estações arqueológicas referentes às primeiras comunidades de agricultores e Pastores, falantes de línguas Bantu. A sua periodização arqueológica corresponde ao primeiro milénio AD, sendo

vasto corredor que liga Moçambique a outras regiões como a África do sul, até mais a norte como o Quênia e a Tanzânia (Cruz & Silva 1976, Morais 1988, Macamo 2006). Estas estações são en-



o caso mais frequente Matola (Figura 1), na província de Maputo e outras estações relacionadas ao longo de um

globadas numa tradição cerâmica conhecida por Kwale-Matola, ou simplesmente Matola, em Moçambique.

## Chifumbazi: Uma gruta com duas culturas

**Autor:** Hilário Madiquida

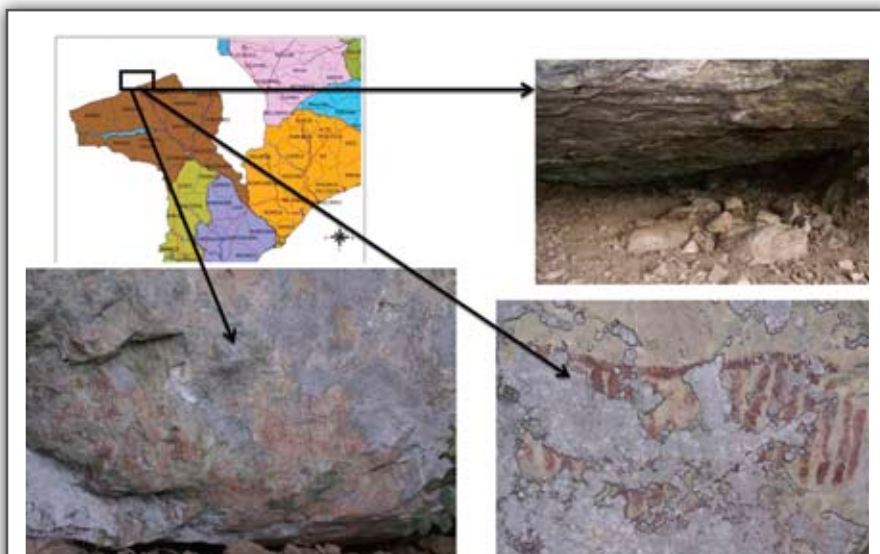
O estudo da transição das últimas comunidades da Idade da Pedra em Moçambique e a emergência das primeiras comunidades agrícolas ainda não está bem definido, devido à fraca pesquisa na Idade de Pedra Superior. Contrariamente, a expansão dos povos falantes das línguas bantu e a emergência das primeiras comunidades agrícolas, são hoje bem estudadas, não só em Moçambique, mas também em toda a

região da África Austral.

A gruta de Chifumbazi, escavada em 1907 pelo arqueólogo alemão Carl Wi-ese, apresenta duas culturas bem diferentes: 1) A Idade de Pedra Superior com pinturas rupestres à cor vermelha, o que indica a ocupação Khoisan; 2) As primeiras comunidades agrícolas, que a partir da referida escavação e da cerâmica recolhida permitiu estabilizar

a cronologia na região da África Austral e que foram agrupadas num único complexo conhecido por “Complexo de Chifumbazi” (Phillipson 1993).

A gruta de Chifumbazi(e) localiza-se no norte da província de Tete no distrito de Chifunde (nova divisão administrativa) e no distrito de Chiuta (antiga divisão), no monte do mesmo nome a uma altitude de



Imagens da Gruta de Chifumbazi

1000 m, a aproximadamente 842 km da costa do Oceano Índico, com coordenadas geográficas 14°21'16.0"S; 032°55'35.8"E.

Esta gruta foi descoberta nos anos de 1900 quando os portugueses se instalaram nas encostas montanhosas de Chifumbazi para explorar as minas de ouro que se localizam a poucos km da zona.

A referida cerâmica é do ramo Kwale, tradição Urewe e é de grande distribuição espacial, desde a região dos Grandes Lagos até a África Austral apresentando a cerâmica com as mesmas características (Sinclair et al. 1993; Phillipson 2005; Mitchell 2002; Chami 2003, 1995; Haaland 1995; Maggs 1995; Pwiti 1995; Huffman 1982; 2007; Morais 1978, 1984, 1988; Adamowicz 1987), apesar dos estudos recentes mostrarem que é necessário mudar esta conceptualização porque aparecem novas evidências das primeiras comunidades agrícolas completamente diferentes deste complexo (Kataneke 1995, p. 209).

A nossa visita a Chifumbazi, tinha por objectivo continuar com a pesquisa na gruta e em volta dela, com a finalidade de recolher dados comparativos

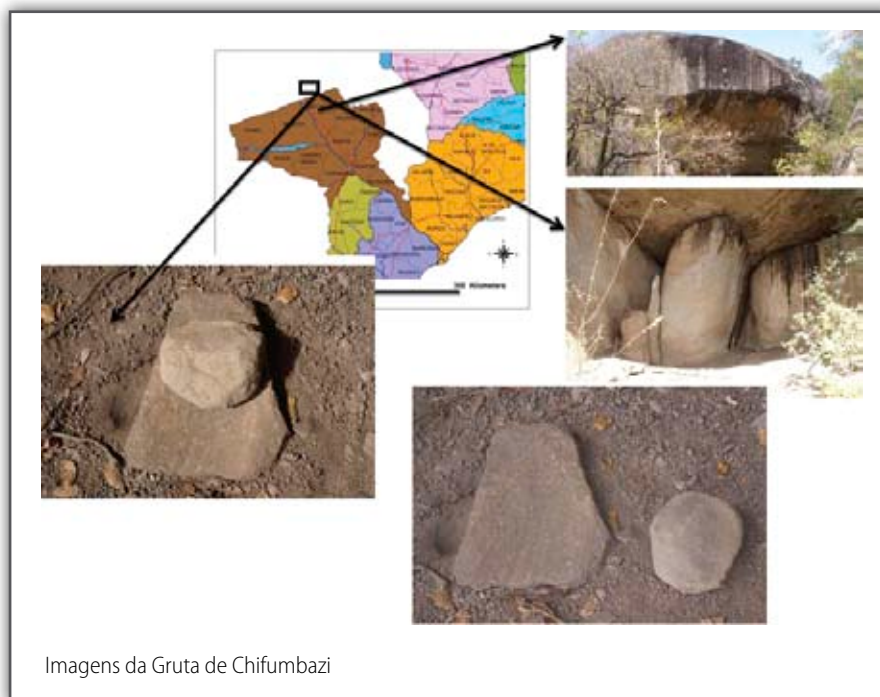
da estação de Lumbi, actualizar as coordenadas geográficas e marcar as vias do seu alcance, porque não tínhamos uma informação exacta sobre a sua localização.

Para além da cerâmica, que agora é difícil de encontrar devido ao entulho de pedras que estão caindo do quartzito, a gruta de Chifumbazi possui belíssimas pinturas rupestres de zebras, bú-

falo e outras figuras interessantíssimas pintadas a vermelho. Alguns artefactos microlíticos (lâminas, lascas, furadores) podem ser localizados à superfície, o que claramente, indica uma ocupação das comunidades da Idade da Pedra Superior (caçadores – recolectores) antes da chegada dos bantu (Morais 1978, 1984, 1988; Adamowicz 1987).

A intenção de fazer mais uma sanja para a recolha do material e a prospecção em volta da montanha não foi possível, devido à limitação do tempo. Apenas foi possível observar a parte de baixo onde conseguimos dar voltas nas encostas montanhosas, contudo não foram encontradas evidências arqueológicas.

As evidências de Chifumbazi ligadas às comunidades caçadoras-recolectoras, principalmente artefactos microlíticos, foram encontradas numa pequena gruta localizada a aproximadamente 1km da estrada que liga Tete ao Posto Administrativo de Mualazi, numa zona conhecida por Chinzenze com coordenadas geográficas 14°21'22.9"S; 032°55'25.1"E. Apesar de ser pequena, a gruta apresenta vários artefactos mi-



Imagens da Gruta de Chifumbazi

crolíticos (raspadores, lâminas, pontas, furadores, etc.), produzidos a partir de quartzo. É possível que as comunidades caçadoras-recolectoras que deixaram as pinturas rupestres em Chifumbazi sejam as mesmas que habitaram a referida gruta.

Aqui também não foi feita nenhuma escavação arqueológica, mas para além do material microlítico foi achada uma mó com o seu respectivo rebole a poucos centímetros da superfície, como aquelas que Adamowicz (1987) encontrou em Nampula, o que indica, claramente, o uso de cereais pelas comunidades. O que nos parece, apesar de apresentar características muito antigas, a referida mó não nos parece estar associada às comunidades caçadoras-recolectoras, o que coloca a hipótese de se associar o referido artefacto a outras comunidades, talvez agrícolas.

Contudo, é necessário que se façam mais estudos, principalmente uma pequena escavação para ver se as camadas inferiores apresentam quaisquer evidências das primeiras ou últimas comunidades agrícolas. Mesmo em termos de comunidades caçadoras-recolectoras, a zona possui muitas evidências, mas são estudadas de forma doentia. O único trabalho mais recente e de maior destaque para esta zona foi o de Tore Saetersdal (2004), quando investigou a gruta de Chicolone para estudar as pinturas rupestres nela existentes.

## Abrigos rochosos e instrumentos líticos: o caso da estação arqueológica de Mouchiabaka

**Autor:** Omar Madime

“Arqueologia é uma forma de História e não uma simples disciplina auxiliar”, (Childe 1977:9), a sua relevância peculiar reside no facto de permitir o acesso à informações sobre o passado histórico longínquo (Pré-história) a partir do estudo de elementos concretos, passando este que muitas vezes é inacessível a outras ciências, à História, por exemplo, devido à escassez de fontes a seu respeito (fontes escritas). O objectivo deste trabalho é reconstruir a história cultural e o modo de vida das comunidades de caçadores e recolectores da região de Manica durante a Idade da Pedra Superior (IPS), a partir da análise e interpretação dos instrumentos líticos (cultura material) da estação arqueológica de Mouchiabaka. O estudo permitiu a compreensão do nosso passado e do entendimento de certos aspectos culturais do presente.

Da análise e interpretação da cultura material da estação arqueológica de Mouchiabaka pode-se concluir que esta estação constitui um exemplo típico de primeiros assentamentos de comunidades de caçadores e recolectores, contudo, numa fase posterior terá sido ocupada por comunidades de agricultores e pastores, provavelmente não para assentamento como no período anterior.

As formas de ocupação e exploração do meio natural foram-se alterando ao longo do tempo, condicionadas, muitas vezes, pelo desenvolvimento do comportamento humano que, por sua vez, terá sido impulsionado pelo exercício de actividades indispensáveis à sobrevivência, escassez e raridade de recursos, e das condições naturais locais.

Durante a IPS, as comunidades eram por excelência dependentes do meio ambiente, onde os abrigos rochosos e/ou grutas, para além de fornecer-lhes abrigo, eram locais estratégicos porque neles extraíam a matéria-prima para o fabrico de instrumentos de uso quotidiano, equiparando-se às oficinas actuais.

O uso de missangas pelas comunidades, constitui um aspecto de longa data. Estas serviam como objectos de adorno e de decoração, principalmente para as mulheres (Mitchell 2002 e Lewis-Williams 2004). O recurso à arte rupestre, empregando motivos decorativos diversos para expressar o quotidiano dos seus autores, prova que a arte/técnica, assim como a necessidade de deixar o legado sociocultural e económico para as gerações vindouras, sempre existiram desde a aurora das comunidades. E mais, a arte rupestre representa um conjunto de actividades mágico-religiosas, (Lewis-Williams 2004), razão pela qual, hoje em dia, espaços contendo arte rupestre são cerimoniais e Mouchiabaka é um exemplo típico.

A intervenção humana em paralelo com factores naturais, concorre para a degradação acelerada da estação arqueológica de Mouchiabaka, com maior destaque para as pinturas rupestres. Se, por um período pouco longo, não se tomar medidas para inibir as acções humanas negativas à estação, corre-se o risco de se consumir uma perda irreparável ao nível do património cultural nacional. Logo, apela-se à população local para tomar acções concretas para conservar e preservar a estação.



## Ciclo de Seminários de Arqueologia e Antropologia

Após um período de silêncio no ciclo de seminários, no segundo semestre de 2010, estes foram retomados no primeiro semestre de 2011 com um leque de participantes de universidades e instituições nacionais e estrangeiras. Os participantes abordam temas actuais na área das Ciências Sociais e Humanas.

### Calendário do Ciclo de Seminários Interdisciplinares em Ciências Sociais e Humanas - (1º Semestre 2011)

Data	Orador	Tema	Instituição
09/03	Rui Feijó	Democracia & Lusotopia. Uma Visão Comparativa do Regime Semi-Presidencial em Portugal, Moçambique e Timor-Leste	CEPESE (Porto) e CES (Coimbra)
	Susana Matos Viegas	O falso problema dos territórios de cárcere entre reservas e terras indígenas no Brasil	ICS (Lisboa)
23/03	Aaron Montoya	Arte pública: fora dos quadros e outros experimentos em Maputo	Chicago (EUA)
	Danúbio Lilhahe	A indizível cor da dor: morte e sofrimento nos acontecimentos do paiol a 22 de Março de 2007 em Maputo	DAA/UEM
06/04	Sandra Roque	Cidade e Bairro: Classificação, Constituição e Vivência do Espaço Urbano em Luanda	Univ. de Cape Town / AustralCowi (Maputo)
	David Morton	Um monumento sul-africano da época de apartheid no Maputo da época da revolução	Minnesota (EUA)
02/04	Arianna Fogelman	Alimentação no Niassa: Perspectivas Antropológicas	Boston (EUA)
	Albino Jopela	Gestão do Património Cultural na África Austral: uma reflexão sobre a custódia tradicional de sítios com pinturas rupestres em Moçambique	DAA/UEM
04/05	Elísio Jossias	A operacionalização do conceito de cultura no seio das instituições estatais de tutela	DAA/UEM
11/05	Alexandre Mate e Ana Loforte	Fortalecendo sistemas comunitários de saúde no tratamento do HIV. O caso do Distrito da Manhiça	DAA/UEM
18/05	Esmeralda Mariano	Regulação corporal, controle e prevenção no Sul de Moçambique	DAA/UEM
01/06	Emídio Gune	Contextualizar a moralidade: Regulação sexual entre um grupo de jovens na cidade de Maputo	DAA/UEM
	Mussa Raja	Da lítica, percebendo o assentamento na Idade da Pedra Média no Rift do Niassa.	DAA/UEM

Contacto dos organizadores dos seminários:

- Dr. José P. Teixeira - jpimteix@gmail.com
- Dr. Emídio Gune - emidiogune@yahoo.com.br
- Dr. Elísio Jossias - elísio.jossias@uem.mz

Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 1° Semestre 2011

## Fortalecendo sistemas comunitários de saúde no tratamento do HIV: O caso do distrito de Manhiça

**Autores:** Ana Loforte (Coord.), Alexandre Mate (Coord.), Emídio Gune e Adérito Machava (DAA/DH/FLCS/UEM)

O projecto Cobasys terá a duração de três anos e tem como objectivos i) potenciar as comunidades para o combate do HIV, ii) criar mecanismos sólidos de apoio no tratamento do HIV aos grupos vulneráveis e iii) criar uma rede na África Austral para advocacia e diálogo político nesta matéria. O projecto será realizado em conjunto com quatro países africanos nomeadamente: Tanzânia, Zimbabué, Malawi e Moçambique e três países europeus: Inglaterra, Finlândia e Itália. Moçambique, através da UEM/FLCS/DAA deverá liderar o estabelecimento de stakeholders Forum. Neste Fórum a ideia principal é mapear as instituições, os recursos e os actores sociais, seus mandatos nas comunidades, para

responder à pandemia do HIV/SIDA. Outro objectivo é identificar as suas forças e fraquezas para desenvolver estratégias que reforcem os mecanismos existentes para prevenção, tratamento e cuidados de SIDA. Para a concretização deste fórum considerou-se fundamental a realização de uma pesquisa participativa com grupos focais de discussão, de acordo com um pro-

toocolo desenvolvido pelos parceiros do Zimbabué (TARSC). A metodologia usada no projecto é essencialmente qualitativa, encorajando-se uma convenção aberta num processo bastante interactivo procurando desenvolver parcerias entre os investigadores e os informantes. O projecto está numa fase preliminar, não tendo ainda resultados definitivos.

## Cidade e Bairro: Classificação, Constituição e Vivência do Espaço Urbano em Luanda

**Autora:** Sandra Roque (antropóloga, Directora de Consultoria na AustralCOWI)

As cidades angolanas são frequentemente descritas em termos dualistas que se referem, por um lado, a um "centro", a uma "cidade urbanizada" e, por outro, a uma "periferia", a uma "cidade sub-urbanizada". Esta visão dualista dos espaços urbanos angolanos é, no caso de Luanda, mais frequentemente descrita pelos termos "baixa" e "musseque" e, no caso de Benguela, por "cidade" e "bairro". Embora a realidade das cidades angolanas não corresponda a esta concepção dualista do espaço, estes termos são muito comuns e a sua utilização está muito profundamente enraizada na sociedade angolana. Tendo como exemplo a Cidade de Benguela e apoiando-se em Bourdieu (1979), este artigo defende que "cidade" e "bairro" funcionam como esquemas classificatórios que possuem forte poder simbólico e estruturante – "cidade" evoca o espaço urbanizado, ordem e o que de Certeau (1990) denomina "espaço apropriado"; "bairro" está associado a noções de suburbano, desordem e caos. O artigo sugere que o poder simbólico de "cidade" provém de forte relações históricas, sociais, culturais e políticas com a noção de "desenvolvimento". A "cidade" parece ser o lugar onde o desenvolvimento acontece – onde é possível não apenas viver uma "vida material apropriada", mas também tornar-se uma "pessoa apropriada".

## Contextualizar a moralidade: Regulação sexual entre um grupo de jovens na cidade de Maputo

**Autor:** Emídio Gune (DAA/FLCS/UEM)

Na literatura antropológica, a moral tem sido apresentada como uma regulação de valor absoluto, distinta e acima das outras formas de regulação social, e que distingue o bom e o mau e proíbe, explicitamente, aquilo que é considerado como mau. Essa forma de pensar moral, que reflecte um projecto de ordenamento social proposto pela tradição judaico-cristã, tem dificultado a compreensão da regulação social enquanto um constructo social.

Neste artigo irei propor dois pontos que podem contribuir para suprir essa limitação analítica sendo o primeiro a necessidade de tomarmos o contexto como unidade básica de análise e o segundo, de nos desprendermos do projecto cristão como quadro moral padrão. A minha proposta será suportada por material etnográfico recolhido entre um grupo de jovens na cidade de Maputo.

*Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 1º Semestre 2011*

## **Gestão do Património Cultural na África Austral: uma reflexão sobre a custódia tradicional de sítios com pinturas rupestres em Moçambique**

**Autor:** Albino Jopela (DAA/FLCS/UEM)

Em muitas partes da África Austral os sistemas formais de gestão do património não têm conseguido, por si só, garantir a protecção de sítios de arte rupestre, bem como a salvaguarda dos valores patrimoniais (algumas vezes sagrados) associados a tais sítios. As comunidades que vivem nas proximidades de sítios do património cultural têm, desde períodos históricos, desempenhado um grande papel na salvaguarda de locais com significado cultural através dos seus sistemas de custódia tradicional. Contudo, muitas vezes esses sistemas são ignorados ou

não plenamente reconhecidos pelos organismos do Estado responsáveis pela gestão do património cultural.

Esta comunicação basea-se num estudo que procura perceber se um conhecimento mais aprofundado dos sistemas de custódia tradicionais pode fornecer orientação para a adopção de métodos mais eficazes e sustentáveis para a gestão de sítios de arte rupestre, alguns dos quais imbuídos de valores sagrados. O trabalho analisa alguns sistemas de custódia tradicional na sub-região Austral da África, mais especificamente, a relação destes sistemas

com sítios de arte rupestre. Em Moçambique, a paisagem cultural de Vumba, no Distrito de Manica, é usada como estudo de caso e o sistema de custódia tradicional aqui existente é comparado aos sistemas dos Montes Matobo (Zimbabwe) e Chongoni (Malawi).

Numa tentativa de combinar os aspectos positivos dos sistemas tradicionais e formais de gestão do património, Jopela recomenda a adopção de um modelo de gestão do património orientado pelo "pluralismo jurídico" na legislação cultural e enriquecido por uma "filosofia de cosmopolitismo".

## **Regulação corporal, controle e prevenção no Sul de Moçambique**

**Autora:** Esmeralda Mariano (DAA/FLCS/UEM)

Nesta comunicação exploram-se as noções do corpo e os problemas reprodutivos segundo o conhecimento e a visão endógena nas regiões de Maputo, Magude e Xai-Xai. São abordadas diferentes perspectivas que se interligam, contrastam e se complementam. Por um lado, a visão biomédica observa o corpo individual, em particular o da mulher, a sua funcionalidade fisiológica, dando primazia ao visível, ignorando a dimensão psicológica, espiritual, dos desejos e das relações sociais. Por outro, a visão endógena, dos praticantes da medicina tradicional, concebe o corpo como social, integrando o visível e o invisível. Os médicos tradicionais desenvolvem técnicas conducentes à moldagem, regulação e equilíbrio do corpo individual e social, mediante suas habilidades de prepará-los, "abrindo" e "fechando" o

corpo para os processos sexuais e gerativos, assim como para as intervenções biomédicas. O corpo, na perspectiva da subjectividade ainda não mereceu a devida atenção, apesar da existência de vários estudos antropológicos que abordam as suas condições, potencialidades e incapacidades. Estas emergem das exigências institucionais feitas sobre o corpo, quer dos discursos e práticas disciplinares, ou mesmo dos desejos e necessidades individuais. Uma análise que inclua os contrastes e as formas de subordinação às normas estruturais é fundamental. Com esta pesquisa, ainda em curso, exploram-se as possibilidades de uma abordagem diferente que visa melhorar a compreensão do corpo integral e da incapacidade reprodutiva, reconhecendo outros saberes não hegemónicos.

## **Da lítica, percebendo o assentamento na Idade da Pedra Média no Rift do Niassa**

**Autor:** Mussa Raja (DAA/FLCS/UEM)

Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa arqueológica efectuada na província do Niassa nos terraços lacustres da Margem Centro Oriental do Lago Niassa, na Vila de Metangula, distrito de Lago no ano de 2005 no âmbito do projecto Património Arqueológico e Cultural (PAC) coordenado pelo Professor Júlio Mercader.

Dos materiais arqueológicos obtidos nesta pesquisa, consta um conjunto de artefactos líticos achados em contexto arqueológico ao longo da escavação feita na estação arqueológica de Mikuyu e posteriormente analisados em laboratório. Essa indústria lítica que figura o objecto de análise no presente trabalho, assinala os aspectos da evolução tecnológica e cultural ocorrida ao longo do Pleistoceno Médio e Superior. A sua localização, variabilidade e utilização contribuíram teoricamente na percepção que o Rift do Niassa teria sido assentado pelas comunidades de caçadores e recolectores, explorando, de um modo contínuo, o ecossistema durante a Idade da Pedra Média.

Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 1° Semestre 2011

## Um monumento sul-africano da época de apartheid no Maputo da época da revolução

**Autor:** David Morton (Universidade de Minnesota, EUA)

Na sequência da sua independência em 1975, Moçambique embarcou numa campanha completa para apagar símbolos do passado colonial. Em Maputo, no entanto, dois monumentos significativos foram deixados sozinhos. Um deles era um memorial a 1ª Guerra Mundial. O outro, o tema deste trabalho, era um memorial para o grupo boer de "voortrekkers" liderado por Louis Tregardt. Em 1838, depois de quase três anos de viagem, a banda Tregardt saiu do mapa moderno da África do Sul e terminou a sua jornada no pé da fortaleza portuguesa de Lourenço Marques. Dentro de um ano a grande parte da banda sucumbiu à malária e, em 1968, no auge do nacionalismo política e cultural afrikander (não percebo o que se pretende dizer aqui, será nacionalismo político e cultural?) um memorial para a Trek de

Tregardt foi aberto no local, pensado-se ser o local dos restos de Tregardt e sua esposa. Encontrar um monumento da era do apartheid situado numa ruazinha a apenas dois blocos da Câmara Municipal de Maputo pode vir como uma surpresa, mas o verdadeiro mistério não é por que o memorial foi construído, mas sim como ele sobreviveu.

Na década de 1980, a África do Sul assumiu o papel da ex-Rodésia como inimigo principal de Moçambique, apoiando a Renamo e alimentando uma guerra catastrófica. No entanto, mesmo enquanto as forças armadas sul-africanas ameaçavam de invasão, enquanto os serviços de segurança sul-africanos lançavam ataques em Maputo e seus arredores, enquanto as forças de Renamo cercavam a cidade, até mesmo enquanto a capital

moçambicana caía em ruína física, o memorial voortrekker de Maputo foi mantido quase perfeitamente intacto.

Baseado em pesquisa no arquivo da Louis Tregardt Society, situado em Pretória (e só recentemente tornado público) e em entrevistas com membros desta sociedade, o arquitecto do memorial, e ex-oficiais da Frelimo, este trabalho utiliza a sobrevivência do memorial Tregardt a fim de contribuir para a discussão da relação entre cidadãos de Maputo com os espaços urbanos e também falar das relações históricas entre as duas terras. Tem sido uma relação de dependência quase total em que, pelo menos entre 1975-1992, as condições de guerra aberta e de paz declarada muitas vezes existiam ao mesmo tempo.

### PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS: CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E PALESTRAS

**Esmeralda Mariano**, doutoranda em Antropologia e docente no DAA/FLCS/UEM apresentou uma comunicação no **European Doctoral Seminar in Anthropology of Social Dynamics and Development Leuven, Belgium entre 14-15 de Abril de 2011**, com o título: *Regulação corporal, controle e prevenção no Sul de Moçambique*.

**Seminário sobre Desenvolvimento Agrícola: Fundamentos e Experiências comparativas entre Moçambique e Vietname, 3 de Maio de 2011**. [Poster apresentado: 'Opitanha' Revisitado: Relações Sociais da Pobreza Rural no Norte de Moçambique].

Organizado pelo Ministério do Plano e Desenvolvimento (MPD). Este seminário contou com a participação de **Margarida Paulo**, docente no DAA/FLCS/UEM.

**II Encontro SBPRJ-CPLP: Psicanálise e Cultura, Sexualidade e Agressividade em Nossos Tempos e em nossas Culturas, 20-23 de Abril de 2011**. Organizado por SBPRJ, MISAU, UP, APM, ARES e UEM. **Margarida Paulo** participou neste Encontro com a apresentação de um *powerpoint*: Percepções sobre a fertilidade entre os residentes do Bairro da Mafalala.

**Seminário sobre Redução da Pobreza e Justiça de Género no Contexto do Complexo Pluralismo Legal-América Latina e dimensões africanas. Maputo, 17 de Fevereiro de 2011**. Organizado pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia da UEM, Universidade de Bergen e Chr. Michelsens Institute da Noruega. **Margarida Paulo** participou neste seminário com a apresentação de quatro resumos dos estudos desenvolvidos em conjunto com o DAA, CM e AustralCowi sobre as Relações Sociais da Pobreza Urbana e Rural em Moçambique.

Entrevista com "Hilário Madiquida" - Docente no DAA/FLCS & Chefe da secção de Arqueologia

## O arqueólogo pode contribuir em várias áreas como cientista social

Por: Décio Muianga & Lizete Manguelze

### De onde surgiu o seu interesse em estudar e ser arqueólogo?

Posso dizer que não escolhi fazer Arqueologia, nós quando terminamos o ensino médio, 11ª classe na escola Pré-Universitária 1º de Maio de Nampula houve um plano, partindo do presidente Samora Machel e Graça Machel, então Ministra de Educação e Cultura, que mais ou menos nos meados de 1990 mais de 80% dos docentes do ensino superior deviam ser moçambicanos, então a ida à União Soviética foi resultado desse plano imperioso do governo. Em 1987, o governo decidiu concretizar esse plano de formar quadros superiores nacional para assumirem posteriormente o ensino superior em Moçambique, o meu grupo foi o mais numeroso e mais diversificado, em termos das especialidades, para diferentes países (União Soviética, Alemanha Democrática, Hungria, Checoslováquia, Polónia, Brasil e Zimbábue).

Nós tínhamos quase todas as especialidades mas as especialidades eram distribuídas de forma aleatória. Nós partimos para a URSS de forma obrigatória, não escolhíamos. O governo decidia o país e o curso a ser feito, normalmente não era permitido mudar de especialidade. Por exemplo, nós fomos à União Soviética e éramos muitos para diferentes especialidades, Matemática, Psicologia, Economia Política, Física e eu fui integrado na área de História e, quando chegamos a Moscovo, ficamos um mês no Hotel Universitário e depois fomos distribuídos para várias Repúblicas da União Soviética e eu fui para a Universidade Estatal de Tashkent, na República Socialista Soviética de Uzbequistão.

Quando cheguei lá, depois de um ano de aprendizagem da língua russa, tentei mudar o curso para fazer Medicina mas a Universidade, assim como a embaixada Moçambicana em Moscovo, não aceitaram alegando que era obrigatório fazer o curso indicado no país de origem, no meu caso o curso de História. Como estava na Faculdade de Ciências Sociais,

pensei que fosse fácil mudar para o curso de Antropologia, mas também não fui aceite. Então, não tendo outra saída, conformei-me e fiz o curso de História e especializei-me em Arqueologia.

### E porque decidiu especializar-se em arqueologia?

Porque eles dão Arqueologia de forma interessante, juntam várias ciências têm Arquitectura antiga, Antropologia, Psicologia, Grego antigo, Grego novo, Latim, Árabe... No meio do curso comecei a interessar-me pela Arqueologia com o apoio das minhas professoras. Elas, como já sabiam que eu queria fazer Antropologia começaram a incentivar-me para seguir Arqueologia porque também estudava o homem, portanto, não estava muito longe da História e da Antropologia.

### Como foi o processo de assimilação da língua?

Eles têm uma técnica muito diferente e prática que nunca encontrei em nenhuma parte. Fomos recebidos por russos que falavam Português, que tinham trabalhado muito tempo fora do país e falavam fluentemente a língua portuguesa. Depois ficamos um ano a aprender a língua russa mas a aprendizagem era direccionada, você era integrado numa turma em que tudo o que você via estava relacionado com o seu curso o que facilitava entender o que você lia nos livros do seu curso mais do que se fosse aprender a língua de forma geral. Em um ano todos já sabíamos falar russo. Além da turma, em toda a sua volta falava-se russo, nas comunidades, nas lojas, nas ruas, etc. Outra coisa que ajudou muito na aprendizagem da língua russa foi a separação, o colega do quarto tinha que ser de outra língua e nacionalidade, então para se comunicar tinha-se que se recorrer ao russo. Mesmo antes do fim do curso falávamos russo como se fôssemos russos e como estudamos em turmas russas não falávamos a língua local de Uzbequistão. Como prova disso, eu tenho certificado para ensinar

a língua russa

### Que factores e pessoas foram determinantes para esta escolha, uma vez que nesta altura existiam poucos profissionais da área no país?

Em Moçambique, eu nasci e cresci nas zonas libertadas, sou membro da Frelimo e na altura que eu viajei à União Soviética, ainda trabalhávamos para o bem da nação. Aquilo que o governo decidia tinha de ser cumprido sem reclamação, mesmo que eu não quisesse fazer o curso, era da decisão do governo, então tinha que fazer. O verdadeiro interesse começou quando chegamos à União Soviética pois explicaram-nos a importância do curso para o país, mas a História estava muito influenciada pelas ideologias Marxistas-Leninistas e a segunda guerra mundial. Nessa altura, o mundo estava dividido em 3 blocos, OTAN, Pacto de Varsóvia e Países não-alinhados, onde Moçambique se encontrava. A minha ida à União Soviética para estudar História tinha interesses políticos e ideológicos para o país, preparar o caminho para o comunismo, leccionando o marxismo-leninismo nas Instituições do ensino superior. Nessa altura apenas havia a Universidade Eduardo Mondlane e o Instituto Superior Pedagógica, para dizer que não houve escolha, foi o desejo do governo.

### Disse que as docentes acabaram por influenciar a sua escolha para especializar-se em Arqueologia, lembra-se de alguns nomes?

As minhas co-supervisoras as Professoras Doutoradas Gúlia Dresvianski e Ljudmila Smirnov. No Uzbequistão havia muitos russos porque durante a segunda Guerra Mundial foi onde se fabricavam tanques e aviões de combate. Os nossos professores todos eram russos, a Dra. Natália Vladmir era professora de História do mundo, o Dr. Antoniev dava História da União Soviética, Dra. Dresvianski dava técnicas de prospecção e escavação arqueológicas e a Dra. Smirnov dava técnicas de processamentos e descrição

do material arqueológico. Outros que já não me recordo, pois só se tivesse a minha tese (escrita em russo) para recordar os nomes dos outros docentes.

**A sua tese está em russo, nunca pensou em traduzi-la para Português?**

Pensei várias vezes... É uma tese diferente das outras porque foge um pouco à regra comum, fala sobre a "utilização dos métodos das ciências naturais nas pesquisas Arqueológicas" descreve sobre a utilização dos sismógrafos para levantamentos subaquáticos, questões de métodos, datações etc. É uma tese mais técnica ligada às questões e ciências técnicas usadas nas pesquisas arqueológicas.

**Que métodos e perspectivas teóricas as pesquisas arqueológicas seguem nesta altura em que começou a envolver-se com Arqueologia?**

Era difícil mudar as teorias, a ideologia prevalecente era a ideologia marxista-leninista, apesar de termos tido contacto com outras teorias e ideias ocidentais através de palestras de professores ocidentais convidados como americanos e ingleses. Não se falava de História sem mencionar a teoria marxista-leninista. Mas foi um período também interessante, porque começava-se com as reformas, quer na economia quer na educação, com o Mikhail Gorbachov no poder na União Soviética.

**1987 - 1993 – Mestrado em História na área de Arqueologia pela Universidade Estatal de Tashkent-URSS (1987-1993)**

Terminámos o tronco comum e tivemos mais três anos para fazer o Mestrado, ligamos da Licenciatura para o Mestrado e a tese foi a mesma, só que defendi no Mestrado. O que fizemos foi uma ligação. Se tivéssemos seguido os quatro anos de licenciatura, teríamos concluído e voltado à Moçambique muito antes.

**Disse que as teorias vigentes na altura eram as marxistas-leninistas, umas teorias com influências da economia política. Qual foi o resultado ou contribuição destas opções para a Arqueologia?**

Normalmente tinham um grupo de docentes que apesar de estarem ligados à ideologia marxista-leninista olhavam

para Arqueologia como ciência sem influência porque foi ensinada como tal, obedecendo todos os princípios científicos e metodologias de análises de dados, escavações, descrições, análises estratigráficas, tudo isso foi feito obedecendo todas as exigências desta ciência sem seguir o marxismo-leninismo, então posso dizer que, na Arqueologia não houve nenhuma alteração. Aliás, eu próprio sou resultado dessa escola e não me vão dizer que sou mau arqueólogo. Mas como se sabe, Karl Marx interveio em todas as áreas científicas, incluindo a Arqueologia.

Eu vivia numa zona com muitas estações arqueológicas, com cidades muito antigas, algumas delas datadas 2.000 anos, início do 1º milénio a.n.e., etc., como é o caso de Samarkand (700 a.n.e., Khiva séc. 6 n.e. Tashkent velha 2.000 a.n.e), então havia muitos arqueólogos estrangeiros que aqui se deslocavam para pesquisas arqueológicas e nós íamos para essas cidades semestralmente, também para escavações arqueológicas. Tivemos também professores convidados de universidades de países ocidentais que vinham fazer pesquisas e davam algumas aulas, portanto, nós, apesar de seguirmos a escola marxista-leninista, também tivemos essa interacção de ideologias.

**Quando é que a Arqueologia vira uma paixão?**

Quando escolhi como área de especialização, passei a ir nas escavações, a visitar cidades antigas, a participar nos programas voluntários de restauração das cidades de Khiva e Samarkand a partir daí comecei a interessar-me mais, fazendo mais leituras e pesquisas é por isso que a minha tese foi sobre metodologias de investigação em Arqueologia.

**Fale-nos do seu percurso de Cabo Delgado até chegar à extinta União Soviética para formação superior.**

Como já disse anteriormente, eu nasci e cresci nas zonas libertadas. Depois da independência, mais precisamente em 1976, saí para o Centro Internato de Lupudi porque naquela altura não se ia à escola e voltava-se para a casa. Logo que fosse para a escola ia directamente para o Centro Internato. No centro passávamos várias dificuldades, podíamos ficar uma semana sem comer, comíamos

folhas de mandioca que pilávamos, fervíamos e servíamos no almoço ou jantar. Então, normalmente, o meu percurso académico foi assim. Desde a 1ª classe passei para o Internato de Hidovo (Centro Internato de Hidovo 1975-1976) depois da primeira e segunda classes, mandaram-me para Lupudi (3ª classe-Centro Internato de Lupudi 1977), em 1978 mandaram-me para o Centro Piloto de Nangade onde fiz a 4ª, de lá devíamos ir estudar em Niassa porque o governo decidiu que deveria haver intercâmbio entre estudantes de diferentes províncias. Em 1979 fomos para Niassa, só que, chegado à Escola Secundária de Singe em Lichinga, não havia vagas para nós estudarmos, então tivemos que voltar para Cabo Delgado e quando chegamos também já estávamos muito atrasados porque passávamos muito tempo e só voltávamos em Agosto.

Naquela altura havia o Ministério de Educação e Cultura. Estava muito bem organizado. Ter um aluno sem estudar era um problema para a Direcção Provincial, então quando começaram as aulas na Escola Secundária de Mueda nós fomos os primeiros alunos com vagas reservadas e logo começamos a estudar, isso em 1980. Fiz nessa escola, em 1980, a 5ª e 1981 a 6ª classe e depois fui para a Escola Secundária de Pemba, onde fiz a 7ª, 8ª e 9ª classes de 1982 a 1984. Em 1985 fui enviado para a escola pré-universitária do 1º de Maio em Nampula. A ida para a Nampula não foi ao acaso. Nessa altura, começava a haver falta de vagas porque em toda a zona norte (Cabo Delgado, Nampula e Niassa) apenas havia uma escola pré-universitária e, para premiar os estudantes com boas notas, no primeiro semestre de 1984, a Direcção Nacional de Educação e Cultura veio à nossa escola em Pemba e numa reunião com os estudantes da 9ª disse que todos os estudantes que fossem a dispensar, no final do ano tinham vagas garantidas na escola Pré-Universitária 1º de Maio de Nampula. Eles perguntaram quem ia dispensar, eu levantei a mão e um outro colega também, levaram os nossos nomes para Maputo.

Nessa altura eu era chefe dos alunos em Pemba e tinha que fazer de tudo para conseguir cumprir a promessa de dispensar. No segundo semestre esforcei-me para dispensar e, realmente,

## ENTREVISTA

terminei o curso com 18 valores e assim a vaga de Nampula foi minha.

Quando voltava de Mueda, férias de 1985, depois de ter terminado a 10ª em Nampula, o nosso carro de estudantes entrou numa emboscada da RENAMO e foi atacado. O motorista e mais duas pessoas morreram no local e eu fui ferido no braço direito. Tive que regressar para Mueda para receber tratamentos e a minha recuperação só foi possível em Abril. Havia falta de transporte na altura andava-se em colunas por causa da guerra, mas tive sorte porque o General Chipande enviou um Antonov que trazia mercadoria de Nacala, então contei o sucedido ao piloto e ele aceitou levar-me para Nacala, donde apanhei a coluna para Nampula. Em Nampula as aulas já haviam começado há 4 meses mas, como a informação do meu ferimento havia chegado à escola, a Direcção Pedagógica da escola deu-me duas escolhas: anular a matrícula e voltar no ano seguinte ou estudar sob risco de reprovação, optei por estudar porque se reprovasse pelo menos seria mais fácil assimilar a matéria no ano seguinte. No fim do primeiro semestre as minhas notas variavam entre 9 e 10 valores, o que não era mau e fui aprovado. No segundo semestre comecei o semestre com os colegas e fiz tudo para ter notas máximas para equilibrar as notas do primeiro semestre e conseguir dispensar e foi exactamente isso o que aconteceu, no fim do ano fui dispensado e como havia uma ordem do governo que todos os estudantes com boas notas deviam continuar o ensino superior, eu e outros colegas fomos enviados à União Soviética.

#### **O seu percurso académico tem certa relação com o governo, foi à tropa?**

Não, mas recenseei-me e nunca fui chamado, se fosse, talvez hoje não seria um académico, seria um militar. Tenho guardado o cartão de recenseamento militar até hoje.

#### **Fale-nos do seu percurso até chegar à Universidade Eduardo Mondlane, quando foi o regresso à Moçambique.**

O meu percurso foi bom porque em 1990 vim de férias e vim visitar o Departamento de Arqueologia e Antropologia, encontrei-me com a Dra. Maria Paula Meneses, Dr. Ricardo Teixeira Duarte com quem falei um pouco sobre a

Arqueologia na Rússia e a Paula é da escola Soviética, o que tornou mais fácil a nossa conversa.

Quando voltei à Moçambique em 1993 o Ministério da Educação tinha enviado um carro para receber-me no aeroporto. Como era o único com transporte, todos os colegas entraram no carro e levaram-nos para o lar do Instituto de Formação de professores Elisa Machava. Como já tinha terminado a afectação dos regressados, cada um tinha de procurar o seu emprego, foi o que eu fiz. Meti requerimento em várias instituições (Ministério da Administração Estatal, na Universidade Pedagógica, na Universidade Eduardo Modlane etc.), mas como já tinha mantido contacto com a UEM quando vim de férias, a Paula Meneses disse-me que precisavam de um arqueólogo e que eu poderia ficar no DAA. Nessa altura o Dr. Alexandre Mate era o chefe do departamento, fui recebido por ele e comecei a trabalhar, mas houve um problema porque quando chegamos, os nossos diplomas não foram reconhecidos como mestrados, não se sabe muito bem porquê.

#### **Porque os diplomas não foram reconhecidos?**

Não entendi muito bem os motivos, mas alegaram que os diplomas dos que estudaram nos países da Europa do leste não deviam ser reconhecidos ou dar equivalências de mestre pelo Ministério da Educação, portanto, todos deviam ser considerados licenciados porque não ia de acordo com aquilo que era a formação dos países ocidentais. Por isso, optei por fazer outro Mestrado na Suécia e só 10 anos mais tarde, quando se funda o Ministério de Ensino Superior, Ciência e Tecnologia é que os diplomas foram de novo requalificados e reconhecidos como mestrados. Assim, tive de fazer dois mestrados para poder passar para o doutoramento.

#### **Na Suécia teve problemas?**

Não, eles reconheciam o meu diploma da União Soviética, o problema era aqui, internamente.

#### **A sua participação nas campanhas de Arqueologia com o Dr. Paul Sinclair e Dr. Ricardo Teixeira Duarte no seu regresso da URSS ao país, o que representou este momento na sua carreira de pesquisador?**

O Teixeira Duarte tinha vários contactos e tinha feito várias pesquisas e a minha integração nas pesquisas que ele



Hilário Madiquida, Docente no DAA/FLCS & Chefe da sessão de Arqueologia

desenvolvia em Moçambique foi importante porque precisava de alguém que tivesse feito trabalhos sobre Moçambique, que me pudesse orientar por que fiz Arqueologia mas era uma Arqueologia asiática e da Europa Oriental. Para além do Ricardo, fiz trabalho de campo com a Paula Meneses sobre a Idade da Pedra e também fiz a Idade do Ferro com Paul Sinclair.

Em 1995, participei na campanha de pesquisas arqueológicas em Chibuenne e Manyikeni com arqueólogos moçambicanos e nórdicos da Suécia e Dinamarca, o que foi muito bom porque foi a minha integração. Tudo o que eu via na Rússia e não sabia como funcionava aqui vi, de facto, e ganhei o *background*. Então foram pessoas muito importantes e determinantes para o sucesso da minha carreira e da minha integração aqui na faculdade.

#### **Entre 1996 e 2003 foi Chefe da Secção de Arqueologia, cargo que retomou em 2007, fale-nos deste percurso.**

Quando comecei a trabalhar na UEM, a Secção de Arqueologia já existia mas como o Teixeira Duarte não estava muito interessado em tomar qualquer tipo de direcção e a Paula Meneses estava mais interessada em fazer pesquisa para o Doutoramento, não queria assumir

qualquer responsabilidade, então propuseram que eu dirigisse a Secção de Arqueologia porque havia coisas que precisavam de alguém presente e à frente disso para a sua direcção, e eu aceitei. Havia vários projectos que, de facto, era necessário que alguém orientasse. Havia dois projectos financiados pela Suécia, o Urban Origins e o Projecto Bilateral.

Nessa altura havia muitos problemas na secção de Arqueologia que impediam a contratação de finalistas do curso de História. Os docentes não se entendiam na Secção de Arqueologia e também havia problemas entre as duas secções, eu tinha que servir de mediador, estando nos dois lados para poder ter harmonia e fazermos as pesquisas em conjunto.

Os problemas internos que giravam à volta das contratações, impediram, durante muito tempo, a abertura do curso de Arqueologia, porque sempre foi um sonho abrir o curso aqui na Faculdade mas as pessoas que eram seleccionadas para a contratação eram sempre refutadas.

#### **Porquê, falta de perfil?**

Não, não era isso, lembro-me até do Mário Chitaúte que acabou passando para o Departamento de História e muitos outros.

#### **Entre 2003/2005 foi simultaneamente Director-Adjunto da Faculdade de Letras e Assistente Universitário da UEM. Nesse período, qual foi o seu envolvimento com a pesquisa?**

As pesquisas sempre continuaram e em 2005 defendi o meu segundo mestrado na Suécia, que culminou com a publicação do meu livro, como resultado das pesquisas em Cabo Delgado. Dentro do departamento, as pesquisas eram feitas a um bom ritmo, tínhamos fundos e era interessante porque fazíamos trabalhos em conjunto, arqueólogos e antropólogos e tudo corria muito bem como um Departamento efectivamente sem separação. Pode reparar que o equipamento que temos aqui no departamento foi comprado em conjunto com o fundo do *Urban Origins* e Fundos bilaterais. Usávamos fundos desses projectos para comprar equipamento e fazer pesquisa.

#### **Faziam pesquisas de Arqueologia subaquática?**

Nesse período quem fazia a

Arqueologia subaquática era o Teixeira Duarte e estava parado devido a problemas que teve com os "Arqueonautas". Havia pesquisas da Idade da Pedra, realizadas pela Dra. Paula Meneses para o Doutoramento dela e a Idade do Ferro que era mais abrangente porque havia três pessoas (Ricardo, eu e a Dra. Solange) que trabalhavam nisso para além de Paul Sinclair e Anneli Ekblom que vinham para realizar pesquisas. Foi um momento dinâmico com pesquisas em todo o país, a Dra. Solange fazia pesquisas no Centro e Sul, eu e o Teixeira fazíamos no Norte já o Paul fazia no sul, concretamente em Inhambane.

#### **Nesse período qual era a visão da UEM em relação a Arqueologia?**

A arqueologia sempre foi vista como sendo uma área de ensino porque as actividades realizadas eram mais ligadas ao ensino de História, por um lado, porque não tínhamos o curso de Arqueologia então tudo ficava concentrado na História, embora houvesse aquelas actividades associadas à investigação ligada à formação.

A nível central, a ideia de que existe Arqueologia é idêntica à que existe, actualmente, porém, hoje tem mais consideração pelo facto de já existir o curso de Arqueologia aqui na universidade. A Arqueologia era considerada uma disciplina que se leccionava no curso de História. Logo que o estudante terminasse o curso terminava ali a Arqueologia, mas o importante é que sempre houve interesse por parte dos arqueólogos em desenvolver pesquisas, as pesquisas nunca pararam em Moçambique. Estiveram todo o tempo em activo.

Vale ressaltar que o apoio externo foi determinante para a realização das pesquisas, pois, sem esse apoio não teria sido possível. Eu participei, várias vezes, em conferências internacionais para solicitar fundos para a realização de pesquisas porque houve poucos apoios financeiros por parte da UEM, quer para a pesquisa ou para compra de equipamento. Lembro-me que, na altura, recebíamos dinheiro para o uso interno, como por exemplo a reabilitação do edifício.

A título de exemplo, o primeiro computador e impressora deste departamento foi adquirido com o dinheiro de

um trabalho de consultoria que realizamos no Ministério da Agricultura, não usamos o dinheiro de forma particular. Canalizamos todo ele para a compra do equipamento. Conseguimos fazer dois projectos que posteriormente foram aprovados pela SIDA/SAREC e tivemos o apoio financeiro e continuamos com as pesquisas.

#### **Regressou da União Soviética com influência do marxismo-leninismo. Como foi o seu enquadramento num quadro teórico diferente?**

Foi fácil, éramos três (Solange, Paula e eu) formados na União Soviética contra apenas um, o Ricardo, porque o Paul Sinclair já não estava aqui. Mas como disse no início, não houve nenhum problema porque a formação em Arqueologia era a mesma e as metodologias também eram idênticas. Encontrei os colegas a trabalharem e quando quis integrar-me no grupo em termos de participar nas escavações e análise de dados não houve problema porque era igual ao que fazíamos nos trabalhos de campo em que participei na União Soviética, que servia, e serve, até hoje para escavações e análise de dados.

Na pré-história havia ideologias do marxismo-leninista. Quando cheguei não tive aquele gozo de Assistente Estagiário que, normalmente, fica a aprender com o regente mas sem dar aulas pois a Paula e o Ricardo não estavam cá. Tive que assumir a cadeira da Pré-História, naquela altura era difícil falar das Ciências Sociais sem uma visão Marxista-Leninista, algumas teorias ainda funcionam até hoje e outras já estão mortas. Costumo dizer que nem tudo o que Lenine, Engels e Marx escreveram está errado. Se fosse assim não teríamos universidades, por exemplo, nos Estados Unidos que só estudam marxismo-leninismo para saber a essência dessas teorias. Era uma ideologia vigente e ninguém tem o direito de criticar a História e nem julgá-la.

#### **Tem um Mestrado na União Soviética e um segundo Mestrado e Doutoramento com Paul Sinclair na Suécia. Considera-se seguidor da escola arqueológica Sueca?**

Paul Sinclair é um sueco-moçambicano porque passou maior parte do seu tempo em Moçambique e o que faz na Suécia é o que fazia aqui, então não está



muito longe da realidade moçambicana apesar de haver certas diferenças. Paul Sinclair, como supervisor, segue mais escolas africanas e não europeias porque é formado em Arqueologia africana e, como tal, as suas pesquisas são mais sobre África e não sobre Europa. Com ele sinto-me bem e depois tenho um centro intelectual mais vasto porque tenho África, Ásia e Europa e orgulho-me por ter muitas escolas na cabeça.

**Em relação ao trabalho para o Mestrado no litoral de Cabo Delgado, como é que a sua pesquisa se assemelha e se diferencia da de Sinclair?**

O meu trabalho é sobre as Últimas Comunidades Agrícolas da Idade do Ferro Superior e comércio à longa distância e o Paul Sinclair foi o primeiro a fazer pesquisas em Nampula. Ele trabalhou na Ilha do Ibo com escavações em Lumbo e Sancul, bem ao lado, portanto, o que escrevi na minha tese de Mestrado não está muito longe das suas pesquisas em Cabo Delgado, sobretudo no que concerne às tradições que fui descrevendo de Lumbo e Sancul, o que significa estar dentro do que foram as primeiras pesquisas do Sinclair e se olharmos para o segundo trabalho que publicou em 1986 vem tudo, daí que há uma grande semelhança no que ele publicou e o que publiquei. Há mais semelhanças que diferenças porque mesmo na estação de Ibo, onde fez o trabalho, a minha pesquisa foi centrada em Quissanga, que é um distrito muito próximo, por isso, não há uma grande diferença no que descrevi e no que ele descreveu.

**Qual é a conclusão a que chega no *The iron-using communities of the Cape Delgado Coast from AD 1000*, livro que resulta da dissertação de Mestrado em Arqueologia do litoral de Cabo Delgado, apresentada em 2005?**

Era preciso demonstrar que Cabo Delgado foi, e continua sendo, uma província cuja a habitação iniciou nos tempos longínquos e demonstrar que o comércio à longa distância não começou com as comunidades da Idade do Ferro Superior, o que significa que quando o comércio se desenvolveu naquela região as comunidades já estavam lá. Comumente diz-se que os árabes é que desenvolveram o comércio na Costa Oriental Africana e eu digo que não é verdade porque quando os árabes chegaram

para estabelecer o comércio à longa distância, já se faziam trocas comerciais entre as comunidades locais, embora não fosse à longa distância. Portanto, penso que um dos árabes visitou aquela zona e viu que havia aqueles produtos e daí teve interesse em exportar os produtos da Costa Oriental Africana para a Ásia, por isso, sempre afirmo que o comércio entre comunidades locais sempre existiu e os árabes apenas impulsionaram o comércio internacional. As comunidades e as trocas comerciais sempre existiram antes da chegada dos árabes e europeus.

**Eram sociedades arcaicas ou sofisticadas?**

Não tinha uma grande estratificação social como a do Grande Zimbabwe, mas não podiam faltar pequenas diferenças sociais, como a existência de um grupo que tomava conta da comunidade. Estratos sociais sempre existem, mesmo que sejam de menor relevância, mas talvez não houvesse grandes diferenças sociais embora pudessem possuir bens para se diferenciar dos outros porque, dos estudos que fiz, foi difícil encontrar amuralhados grandes de um império com construções sofisticadas. As evidências que encontrei são muito bem claras. As comunidades que lá viviam tinham tecnologias avançadas para o fabrico de olaria, instrumentos de ferro e encontrei missangas feitas de conchas e ossos, o que indica uma especialização das comunidades locais no fabrico de objectos de adorno.

Então, não só compravam as missangas mas também fabricaram internamente o que queriam e necessitavam para uso interno, isso para dizer que houve um avanço tecnológico, o que mostra que as comunidades não só dependiam dos produtos asiáticos mas também inovavam e copiavam esses produtos.

**Fale-nos do seu percurso até chegar a Director Adjunto da Faculdade de Letras e Ciências Sociais.**

Quando entrei havia muitos problemas vindos da arqueologia porque a cadeira que dávamos da Pré-História até o Período Neolítico era polémica, chegávamos ao fim do ano com uma percentagem de 80% ou 90% de estudantes aprovados e os aprovados não ultrapassavam 12 valores de média. E ao assumir a cadeira percebi que havia algo injusto, o nosso

trabalho não é prejudicar os estudantes é dar aulas para que os estudantes saibam o que nós sabemos também, então comecei a modificar algumas coisas e a direcção teve conhecimento disso porque o número de estudantes aprovados aumentou e houve um grande interesse pela área da Arqueologia.

Não sei exactamente o que aconteceu mas o Professor Catedrático Armindo Ngunga, quando assumiu o cargo de Director da Faculdade convidou-me para ocupar o cargo de Director Adjunto para Área da Docência. Ele disse que acompanhava o meu trabalho no Departamento e na cadeira que leccionei sem ter gozado da categoria de Assistente Estagiário, sendo assim, achava que poderia ajudar a faculdade e aceitei o convite. Ao assumir o cargo de Director Adjunto, detectei que havia muitos problemas resultantes da fusão entre a Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS) e a Faculdade de Letras e pretendia-se introduzir o ensino centrado no estudante, fui um impulsionador desses processos. Um outro problema é que a Holanda queria ajudar a faculdade a introduzir o sistema centrado no estudante e a faculdade não estava em condições, porque era um sistema novo e desconhecido. Eu disse: "vamos criar condições formando os docentes para ter especialistas na área" e eles propuseram que eu criasse uma equipa que fosse à Holanda para participar num *workshop* avançado e, assim, criei uma equipa de 3 docentes que viajou à Holanda para aprender tudo sobre PBL POL.

A questão da fusão foi muito problemática porque perguntava-se como seria pois a fusão dava em torno de 8 mil estudantes numa única Faculdade. Na mesma altura, introduzimos o plano estratégico da Faculdade de Letras e pôs-se em funcionamento, embora até hoje haja muita coisa ainda por fazer. Mas isso se entende, porque depois da fusão foi necessário reorganizar todas as infra-estruturas e recursos, incluindo humanos.

**Nessa altura qual foi o seu envolvimento nas pesquisas arqueológicas?**

Nessa altura quando passo para Director Adjunto, em simultâneo, coordenava um projecto de pesquisa e estava em contacto com a Suécia para fazer o Doutoramento. Houve várias coisas em

simultâneo, por isso nunca abandonei o meu gabinete no DAA, tinha dois gabinetes: um no DAA e outro na faculdade. Para evitar problemas e misturas, os arquivos ligados ao departamento ficavam no DAA e na faculdade mantinha somente os arquivos da faculdade.

**Um arqueólogo ligado à administração na FLCS: como enquadra esta dupla função com os debates/críticas em torno da pouca capacidade de pesquisa e relação Estado e a defesa do património cultural material?**

Os serviços administrativos não contribuem para o abandono da pesquisa, depende do indivíduo. Se estiver realmente interessado na pesquisa... Por exemplo, a maior parte das minhas pesquisas foram feitas quando estava na direcção, a estação arqueológica de Lumbi, que estou a escrever para o Doutoramento, foi descoberta nessa altura. Recordo-me que solicitava minha ausência à reitoria e não à faculdade, então foi uma altura que não encontrei nenhuma dificuldade e tive todo o apoio do director da faculdade na altura, Professor Ngunga. Mesmo o próprio Director da Faculdade nunca abandonou as pesquisas e as publicações. Basta haver fundos não há problemas para fazer a pesquisa porque o trabalho administrativo não é ciência, não precisa ter conhecimento científico para exercer.

**De que forma os arqueólogos são importantes para a solução dos problemas concretos da população?**

Primeiro temos que integrar a componente comunitária dentro da pesquisa porque se olharmos para os que vêm do exterior para fazer pesquisa em Moçambique têm fundos para bens comunitários locais, por exemplo, a abertura de furos de água, melhoramento de uma escola, pintura de escolas, etc. Segundo, podemos contribuir através do turismo Cultural nas estações arqueológicas, associar os projectos de desenvolvimento com as estações arqueológicas. Se olharmos para o Grande Zimbabwe vamos ver que ganham milhões de dólares, anualmente, com a visita de milhares de turistas e as várias infra-estruturas criadas em volta do monumento empregam centenas de pessoas locais. Nós temos locais para isso, o que não existe são programas que apoiem e considerem as estações arqueológicas como locais turísticos.

Terceiro, o arqueólogo pode contribuir em várias áreas como cientista social, por exemplo, nos estudos de impacto ambiental assim como cultural. Porém, hoje esses estudos são feitos sem a participação dos arqueólogos enquanto noutros países os arqueólogos participam sempre para analisar quais eram as condições, quais foram as mudanças que ocorreram e qual será o impacto actual. Mas em Moçambique não é isso que acontece e não se sabe como é que os relatórios produzidos são aceites, isso revela que nós não damos importância ao nosso património cultural e arqueológico.

**No momento há pouca divulgação da Arqueologia como podemos melhorar a divulgação?**

Não nos devemos limitar apenas à universidade, temos que encontrar alternativas ou ministérios que possam ajudar na divulgação. Por exemplo, o Ministério de Educação, no ensino geral, lecciona matérias ligadas à evolução humana, então significa que o que falta é divulgação da Arqueologia. Hoje em dia há várias instituições superiores de turismo mas sem a cadeira do património cultural, que gestor turístico poderá desenvolver o país sem conhecer o Património Cultural? Outro exemplo seria o Ministério da Coordenação da Acção Ambiental, as instituições que lidam com calamidades naturais, porque há zonas onde as comunidades são reassentadas mas propensas às inundações. Outra coisa importante, os trabalhos que são divulgados devem ter qualidade e despertar interesse.

**Está num país sem muitos recursos para a pesquisa, como podemos fazer pesquisas sem recursos?**

Temos que recorrer primeiro aos recursos disponíveis mesmo que sejam poucos, depois podemos recorrer à Arqueologia de salvaguarda do património cultural. Para isso, a Lei 10/88 e o decreto 20/94 devem desempenhar o seu papel de instrumentos normativos porque muitas instituições não conhecem a sua existência.

**COMENTÁRIOS À GAZETA N° 2 & 3**

(...) Endereçamos os nossos parabéns ao DAA pela publicação desta revista que acreditamos irá ser de grande importância para a comunidade universitária" (Prof. Doutor Orlando Quilambo, Ex-Vice Reitor Académico actualmente Reitor da UEM).

Chegou-me há dias, via Carmeliza do Rosário, a cópia do n° 3 da vossa 'Gazeta', que li com muito interesse, nomeadamente a entrevista do Rafael (a referência às raízes intelectuais do Rafael, que incluiu de passagem o meu nome, proporcionou-me por momentos a antevisão de 'antepassado'!). Um abraço a todos pelo excelente trabalho desenvolvido (João M.F. de Moraes, D.Phil (Oxon) Deputy Director, Social Sciences, IGBP, Suécia).

(...) Fantástico, por te ter agradado a revista. Eu acho o Departamento de Antropologia e Arqueologia da UEM um dos melhores do mundo (em termos de ambiente intelectual). Tem um ambiente incrível. Não é a falta de condições que impede que se façam reflexões fenomenais. E no contexto, intelectualmente, pobre em que estamos é realmente um bafo de ar fresco (Carmeliza Rosário, Gestora da Linha de Serviços de Pesquisa Sócio-Económica da AustralCowi, Moçambique).

Ciclo de Seminários Interdisciplinares do DAA, 1º Semestre 2011



Lançamento do Livro "Género, Sexualidade e Práticas Vaginais", 1º Semestre 2011





## Programa **Desafi**

Programa de Desenvolvimento em Saúde Reprodutiva,  
HIV/SIDA e Assuntos de Família através da Investigação  
Multidisciplinar Inter-universitária

- Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
- Universidades Flamengas, Bélgica



## Tema Central: "Saúde Reprodutiva e HIV/SIDA"

### Cinco Projectos com Temas Específicos

